

M
ENTREVISTA/Berta Gleiser Ribeiro

Andanças de uma antropóloga pelo Brasil

O que é a exposição *Amazônia Urgente - Cinco séculos de história e Ecologia*?

Berta Ribeiro — A exposição foi apresentada pela primeira vez uma semana depois da morte de Chico Mendes, em janeiro de 1989, na Estação Carioca do Metrô, do Rio de Janeiro. São 290 painéis e 20 ambientações. Além dos painéis a exposição se compõe de um livro, em português e inglês, e um vídeo de oito minutos, que resume a exposição. O público-alvo são os estudantes. Agora, por que *Amazônia Urgente*? A palavra urgente é para denotar que há necessidade de se encarar o problema da Amazônia, mais ainda na época em que a exposição foi feita, em 1989: São cinco módulos: o primeiro é o *Tropico úmido: o ar, a água, a terra*; o segundo, *Tropico úmido: o homem*, aí entram os movimentos nativistas; o terceiro, *A economia extrativista na Amazônia, o quarto, Impacto dos grandes projetos*, e o quinto *Perspectivas e alternativas*.

Como ficou a situação da Amazônia, depois da Rio-92?

Berta Ribeiro — Durante a Rio-92 os jornais tinham um caderno de ecologia. Ultimamente não se tem falado quase nada sobre a depredação da Amazônia. Apareceu uma consciência mundial sobre a preservação do meio ambiente, mas não se saiu da teoria para a ação. Tenho a impressão que não mudou. Em 1979, havia na Amazônia dois milhões 500 mil de habitantes. Atualmente são 18 milhões. Essa população que foi para lá não gerou emprego. Na medida que as fontes de trabalho iam-se esgotando, a população acabava na cidade. Setenta por cento da população do Estado do Amazonas estão em Manaus. Por isso a demarcação de terras é importante, porque os índios têm uma contribuição muito grande a dar, pelo fato de serem guardiões da biodiversidade. O que foi mais importante na Rio-92 foi a questão da biodiversidade para biotecnologia, para hoje e para o futuro.

A senhora defende uma política governamental para a Amazônia?

Berta Ribeiro — Claro que tem que ter uma política governamental, porque as populações indígenas são tuteladas. Elas são de responsabilidade da Nação porque foram usurpadas. Não têm o domínio do nosso desenvolvimento para poderem se defender. Eles são um modelo para nós. Um exemplo é a policultura, ou pequenas roças que dão para sustentar uma família. Por exemplo, milho, cana, árvores frutíferas, rodeadas por um corredor ecológico que refaz essa mata depois de passado algum tempo. Na Amazônia, você planta dois, três anos e depois deixa descansar a terra, porque ela não dá mais. Daí essa agricultura itinerante, que é um modelo. Numa floresta homogênea dá uma praga e acaba com tudo.

Fale um pouco sobre as convenções da Rio-92.

Berta Ribeiro — A convenção sobre biodiversidade foi assinada por 240 países, menos os Estados Unidos. Eles afirmam que o acesso à biodiversidade é privilégio dos países pobres. O acordo entre o Primeiro Mundo e o Terceiro Mundo é que haja participação nas pesquisas e nos resultados. O Primeiro Mundo pode transferir tecnologia que permite exploração dessa diversidade biológica. Ou seja, nós temos matéria-prima, eles têm tecnologia. Também durante a Rio-92, assinou-se uma declaração sobre as florestas. O Primeiro Mundo continua consumindo madeira nobre da Amazônia, principalmente o mogno, que está em vias de extinção. As madeiras engabelam os índios e pagam 60 dólares pelo mogno em pé. Depois de serrado na Europa o mogno custa 525 dólares. Imagine o lucro das madeiras...
O que poderia ser explorado na Amazônia,

Com seus estudos e andanças, pelos sertões e fronteiras do País, a antropóloga Berta Ribeiro descobriu que a batata inglesa é, na verdade, andina. No Peru, há 300 variedades da espécie. Uma entre tantas contribuições que a cultura indígena deixou aos brancos. O branco, por sua vez, já acabou com a Mata Atlântica, está avançando pela Amazônia e regateia um pedaço de terra aos índios. Berta Ribeiro estará em Brasília na próxima quinta-feira para a abertura da exposição *Amazônia Urgente - Cinco Séculos de História e Ecologia*, na Torre de Tevé, aberta ao público de 6 a 30 de novembro. A exposição recebeu menção honrosa no Prêmio Nacional de Ecologia do CNPq, em 1989. Nascida em São Paulo, ex-mulher do antropólogo Darcy Ribeiro, Berta já publicou oito livros e 40 artigos sobre economia e arte indígenas. Com mestrado em Antropologia Social, pela Universidade de São Paulo, ela fala à repórter Eliana Silva sobre a exposição e sua experiência entre os indígenas

que não traria prejuízos ao meio ambiente?

Berta Ribeiro — A primeira coisa a se pensar na Amazônia é na sua população. E como responder às necessidades dela. Acho que é uma deficiência nossa pensar em modelos exportadores. Fazer com que ela tenha um nível de vida satisfatório para não inchar as cidades. A exploração mineral também tem que encontrar uma forma que não seja tão predatória. Por que o mercúrio está poluindo os rios Tapajós, Madeira e Negro. A agricultura itinerante, uma tradição indígena, permite a rotatividade das áreas de cultivo e das aldeias para não exaurir a fauna, os peixes, a flora, os recursos naturais.

Com a agricultura itinerante, cai por terra a tese do ex-governador Gilberto Mestrinho de que índio não precisa de muita terra?

Berta Ribeiro — Ele precisa de muita terra porque justamente ele explora os recursos naturais de maneira não predatória. Agora está-se falando muito da domesticação de animais silvestres. Da capivara, por exemplo, da cotia, pequenos roedores da Amazônia. Também fazer a piscicultura. Os índios do alto rio Negro não derrubam a mata ciliar, da margem do rio, porque os peixes se nutrem de folhas, insetos, fungos. Se desmatar a margem, você acaba com a comida do peixe. O civilizado, a primeira coisa que ele faz, é derrubar as árvores das margens dos rios. O rio Tietê, em São Paulo, não tem uma árvore. Os índios têm noção de território, e um território que eles conhecem bem.

Como a senhora vê o caso Paiakan?

Berta Ribeiro — Acho que fizeram um grande escândalo no caso. Quantos Paiakans existem entre nós? Pegaram o Paiakan como bode expiatório no meio da Rio-92. Um pouco para explorar a imagem do índio. Porque o índio foi enaltecido durante a Conferência, esteve no centro das discussões.

E a mulher indígena?

Berta Ribeiro — Ela tem um papel social, uma coisa específica dela. Mesmo quando há poligamia, o índio tem que abrir uma roça para cada mulher. Às vezes a mulher pede para ele casar com outra para poder ajudá-la nas tarefas domésticas. Eu não acho que haja opressão da mulher, embora o trabalho dela seja mais cansativo, mais rotineiro. A mulher participa menos dos rituais, da pajelança, da vigia da aldeia. Quanto à educação dos filhos, ela educa as filhas porque elas vão para a roça junto com a mãe. Geralmente é a menina que aprende a ralar a mandioca, ajuda a fiar o algodão, fazer a rede, a cerâmica. O menino vai pescar com o pai, caçar, abrir uma estrada.

FRED RIBEIRO



Berta Ribeiro sempre conviveu com os índios. E por isto mesmo é que defende a demarcação de suas terras

Ele também faz o trabalho da mata, é o canoeiro, trabalha com madeira. O trabalho da roça é mais civilizado, a mata é mais rústica. Existem papéis específicos para cada sexo.

Os índios frequentam escola?

Berta Ribeiro — Agora eles estão reivindicando escolas, formando seus professores, seus monitores. Eles querem se apoderar das coisas da nossa civilização. Eles querem saber o que é inflação, por que as coisas sobem todo dia. Mas querem permanecer índios, porque é até vantagem, eles têm mais liberdade. O lugar que nossa sociedade oferece ao índio não é o lugar de classe média que tem acesso à universidade, à música. O lugar que se oferece ao índio é na escala mais baixa da sociedade. É o peão de fazenda, a empregada doméstica, a prostituta. Não é convidativo para o índio deixar de ser índio. Pelo contrário eles querem manter e até reviver a identidade deles. Eles pedem para nós, antropólogos, fotos, mapas, história para poderem se documentar.

E a questão da saúde?

Berta Ribeiro — É uma das mais graves, principalmente agora com a colonização cada vez maior, com a entrada dos garimpeiros e dos madeireiros. Porque os índios não têm defesas orgânicas contra uma série de moléstias nossas, principalmente das doenças das vias respiratórias. Nós introduzimos entre os índios doenças como a gripe, sífilis, malária, tuberculose, e agora a cólera.

Qual seria a pauta de reivindicação dos povos da floresta?

Berta Ribeiro — Um desenvolvimento sustentado da Amazônia, que beneficiasse em

primeiro lugar eles próprios, que visse as necessidades deles, como educação, saúde, bem estar. A exploração da madeira, mas não de forma predatória. Exploração mineral, mas não de forma como se faz. Em Carajás, se queima toda a floresta nativa para obter ferro-gusa. Temos que repensar o projeto em função das populações que vivem nos locais, e não deixar para elas um ambiente depredado e obrigá-las a derrubar cada vez mais mata como aconteceu em Rondônia, que vai acabar não tendo mais árvores nenhuma.

Qual sua opinião sobre a internacionalização da Amazônia?

Berta Ribeiro — As grandes multinacionais têm interesse na biodiversidade da Amazônia. Porque as florestas tropicais são focos de vida. Só de microorganismos, insetos, invertebrados são mais de dois milhões. As indústrias farmacêuticas têm grandes interesses. O jaborandi, uma planta, vem sendo usada para a cura do glaucoma. E já tinha sido usada por duas tribos: os caiapós e os guajajaras. Agora os índios vendem as folhas para as indústrias e elas fabricam o colírio, e nós não ganhamos nada com isso. Por isso os Estados Unidos não quiseram assinar o Tratado da Biodiversidade, porque havia a reciprocidade. Nós temos a matéria-prima, mas queríamos também ter acesso à tecnologia, aos produtos e aos lucros. É informação que os índios têm, que os povos da floresta têm, e que é importante para o Primeiro Mundo. Eu acho que é uma desculpa se falar da internacionalização como uma maneira nacionalista de dizer que a Amazônia é nossa. Agora, é claro que temos que cuidar disso.

“As madeiras engabelam os índios e pagam 60 dólares pelo mogno em pé. Depois de serrado na Europa, ele custa 525 dólares. Imagine o lucro que as madeiras estão obtendo”

“A demarcação de terras é importante, porque os índios têm uma contribuição muito grande a dar, porque eles são os guardiões da biodiversidade e um modelo para nós e para a policultura”

“Mesmo quando há a poligamia, o índio tem de abrir uma roça para cada mulher. Às vezes a mulher pede para ele casar com outra para poder ajudá-la nas tarefas domésticas”